

OS PADRÕES FUNERÁRIOS DA NECRÓPOLE PÚNICA DE LILIBEU (SICÍLIA - SÉC. IV A.C.): TRADIÇÃO FENÍCIO-PÚNICA E ASSIMILAÇÕES INDÍGENAS E HELÊNICAS

Adriana Anselmi Ramazzina
Universidade de São Paulo

RESUMO: *A investigação arqueológica de um contexto funerário baseia-se na análise de seus três componentes fundamentais: a estrutura da sepultura, a forma de deposição do morto e o mobiliário funerário.*

Assim, com a análise da composição do mobiliário funerário cerâmico de um conjunto representativo de sepulturas da necrópole púnica de Lilibeu, delineamos alguns aspectos dos padrões funerários dessa necrópole, como a permanência da tradição fenício-púnica, ao atestarmos a presença de cerâmica de função funerária tipicamente fenícia, como também a constatação de influxos estrangeiros, principalmente helênicos, com a presença de cerâmica de imitação ou de tipo grego.

PALAVRAS-CHAVE: *Lilibeu, Arqueologia Funerária, Cerâmica, Necrópole Púnica.*

Esse artigo tem como objetivo a demonstração de uma proposta de análise sistemática do mobiliário funerário de sepulturas das necrópoles púnicas da Sicília, particularmente da cerâmica.

A Sicília, por volta do séc. IV a.C., é o ambiente no qual convivem, nem sempre pacificamente, a população de origem grega, as populações locais (sículos, sicanos e elimos) e a população púnica. Essa convivência caracteriza de maneira bastante particular as cidades e a produção cultural púnica da ilha, diferenciando-as das outras cidades púnicas do Mediterrâneo (Prancha I).

Lilibeu é uma dessas cidades. Fundada logo após a destruição de Mótia por Dionísio em 397 a.C. e provavelmente por habitantes sobreviventes dessa cidade, atinge seu apogeu no séc. IV a.C. Lilibeu torna-se de importância crucial e estratégica para a dominação cartaginesa da Sicília Ocidental devido principalmente ao seu porto, base para a marinha cartaginesa.

Podemos afirmar que, devido às características dos achados arqueológicos provenientes da cidade, Lilibeu é a que mais incorporou elementos da cultura helênica dentre as cidades púnicas da Sicília. Para melhor evidenciar essa situação o contexto funerário se mostra mais eficaz, porque é dos contextos arqueológicos púnicos da ilha o melhor preservado, estando em boa parte intacto até os dias de hoje, o que não acontece com os outros contextos arqueológicos, destruídos ou modificados pelas sucessivas ocupações.

Devido à particularidade do contexto funerário de ser um achado fechado, isto é, num certo momento é depositado o morto junto a um mobiliário funerário num determinado local, sendo essa deposição "fechada", isolada do habitat dos

vivos, o contexto funerário pode revelar como um *flash* um momento específico da cultura na qual se insere, e também alguns de seus aspectos particulares, sendo-nos essencial para o conhecimento da cultura púnica na Sicília.

A investigação arqueológica de um contexto funerário baseia-se na análise de seus três componentes fundamentais: a estrutura da sepultura, a forma de deposição do morto e o mobiliário funerário. Como minha intenção é testar um método de análise sistemática do mobiliário funerário, o sítio arqueológico de Lilibeu pareceu-me excelente ponto de partida pois, além da situação bastante particular da cidade na história da cultura púnica na Sicília, os relatórios de escavação de vários setores da necrópole púnica desta cidade são os mais completos e sistemáticos.

A análise do mobiliário funerário cerâmico proposta aqui é baseada em dois critérios: **a)** a origem da forma do vaso e **b)** sua função específica.

Dos relatórios de escavação disponíveis sobre a necrópole, o da campanha de junho de 1968, executado por Anna Maria BISI no terreno do Sr. P. Parrinello em via Colacasio, nos apresenta o melhor tratamento dos dados colhidos em campo, trazendo-os de maneira mais completa, e refere-se a sepulturas do período helenístico tardio (fim do séc. IV e início do séc. III a.C. aproximadamente). Assim, este relatório serviu de base para o estudo cerâmico que pretendo efetuar (Prancha II).

Dentre as 28 sepulturas descobertas na campanha de 1968, selecionamos quatro sepulturas consideradas representativas. Tratam-se de duas sepulturas violadas, uma de incineração (n.º 2) e outra de inumação (n.º 5), e duas sepulturas intactas, também uma de incineração (n.º 8) e outra de inumação (n.º 13). Podemos assim analisar a composição do mobiliário funerário de sepulturas violadas em comparação ao de sepulturas intactas, além de abarcarmos os dois ritos funerários bastante difundidos na Sicília púnica, inclusive em Lilibeu, isto é, a incineração e a inumação. Os tipos de sepulturas também são comuns: simples fossas não muito profundas (em média 60 cm) e poços verticais escavados na rocha em cujo fundo é aberta uma ou mais câmaras sepulcrais. Curiosamente entretanto as sepulturas em poço descobertas na campanha de 1968 não apresentam a abertura dessas câmaras. Na sepultura n.º 5 temos até a presença de degraus escavados nas paredes maiores do poço para facilitar a descida, mas não há câmaras. A deposição do morto foi feita no fundo do poço. Seguindo o padrão de construção fenício-púnico, as sepulturas escolhidas, tanto em poço quanto em fossa, foram escavadas na rocha.

Passemos agora para uma descrição sumária do mobiliário cerâmico das sepulturas escolhidas. As medidas das peças foram reduzidas ao essencial por não serem, neste momento, de relevância.

1. Sepultura n.º 2: o mobiliário cerâmico é composto por 3 peças: 1 *kylix* acromática imitando protótipos gregos de 4 cm de altura e 9,1 cm de diâmetro interno; 1 unguentário fusiforme privado da boca e do pescoço de altura igual a 10 cm; e 1 unguentário piriforme com corpo esférico privado da borda, com 11 cm de altura.

2. Sepultura n.º 5, 24 peças: 1 pequeno vaso em 5 fragmentos (incompleto) com 10 cm de altura e 7,2 cm de diâmetro da boca; 1 pequena garrafa com corpo em forma de saco recoberta por verniz negro opaco, faltando a base, com 13,5 cm de altura e cerca de 9 cm de diâmetro máximo; 3 unguentários fusiformes, um de transição, com 12 cm de altura, outro mais tardio, com 18,3 cm

de altura, o último fragmentado, com 8,5 cm de altura; 1 ungüentário piriforme de tipo mais antigo, com 9,5 cm de altura; 16 fragmentos de ungüentários piriformes e fusiformes, constituídos sobretudo por fundos e pescoços de vários tamanhos; 1 fragmento de borda de vaso de cozinha, de parede vertical e borda oblíqua para o interior, de 6,4 x 4 cm; e 1 fragmento de vasilha com borda pendente externamente, com 4,6 cm de altura.

3. Sepultura nº 8: composto por 4 peças: 1 *kylix* acromática de imitação grega, com 3 cm de altura e 8,5 cm de diâmetro de boca; 2 ungüentários fusiformes, 1 intacto, com pescoço alto, com 12,8 cm de altura e outro semelhante mas sem a base, com 10,7 cm de altura; e 1 píxide miniaturística composta por 9 fragmentos (incompleta). Sem medidas.

4. Sepultura nº 13: mobiliário composto por 4 peças: 2 fundos de ungüentários piriformes quase esféricos, com alturas iguais a 9,5 e 5 cm respectivamente; 1 pequeno ungüentário fusiforme de 8 cm de altura; e 1 grande vaso ungüentário fusiforme recomposto por 4 fragmentos (incompleto), de 14,4 cm de altura. (Prancha III)

Podemos notar que a composição do mobiliário funerário cerâmico das sepulturas destacadas, refletindo uma constante nessa área da necrópole, dá-se predominantemente por vasos ungüentários, cuja função é basicamente a de conter óleos perfumados ou ungüentos; são vasos de toalete. A presença desses vasos em contexto funerário atesta a função funerária que estes vasos também tinham para a população púnica local, já que sua presença é assinalada em várias outras sepulturas..

Curioso notar que os ungüentários aparecem em Cartago e em outras necrópoles púnicas apenas excepcionalmente. Até mesmo em outros sítios da Sicília eles não são freqüentes.

A maior parte das tumbas de Lilibeu apresenta no mesmo contexto ungüentários piriformes de corpo globular mais ou menos alongado e ungüentários fusiformes que apresentam numerosas variantes tipológicas.

Apesar de em vários outros locais como Gela, Taranto, Atenas, os ungüentários fusiformes sucederem gradual e claramente os piriformes, em Lilibeu verifica-se algo diferente. Anna Maria BISI no relatório de escavação afirma que se nota uma contemporaneidade dos dois tipos no âmbito de uma mesma tumba e num mesmo período, uma vez considerando que as sepulturas são todas rigorosamente monossômicas e, portanto, exclui-se a idéia de reabertura para deposições sucessivas. O fenômeno constitui um dos traços que unem o mundo colonial púnico à pátria-mãe fenícia, pois na Palestina o processo de sucessão tipológica de ungüentários no tempo se dá inversamente ao dos locais citados anteriormente, além do que há uma maior freqüência desse tipo de vaso cerâmico em sepulturas do Levante. Mais surpreendente é encontrar esta adesão a modelos orientais em Lilibeu, que apresenta, no âmbito de suas manifestações figurativas, uma sensível aquiescência aos influxos helenísticos imperantes.

Mesmo com a presença simultânea de vasos de origem grega ou indígena, a presença desses ungüentários em sepulturas de Lilibeu só vem reforçar nossa idéia de continuidade da tradição fenício-púnica refletida em contexto funerário púnico da Sicília.

O pequeno vaso em cinco fragmentos recompostos, a pequena garrafa, o vaso de cozinha representado por apenas um fragmento de borda e a vasilha

reduzida a um fragmento da borda e da pança (todos da sep. nº 5), compõem o que podemos chamar de cerâmica de uso doméstico, cotidiano. São formas simples, sem decoração pintada, a não ser a pequena garrafa que é recoberta por verniz negro opaco. O fragmento de vasilha é feito de uma argila de impasto grosseiro. Essas formas podem ser derivadas da cerâmica local, simples e sem decoração pintada, ou dela conter elementos. Temos então cerâmica de uso diário adquirindo uma função secundária, a funerária, ao compor o mobiliário funerário dessas sepulturas e o de tantas outras, não só em Lilibeu, como também em outras necrópoles púnicas.

Duas *kylix* acromáticas semelhantes (da sep. nº 2 e da sep. nº 8), de imitação grega, compõem também esse mobiliário. São vasos típicos para beber e sua presença em contexto funerário é comum, tanto em ambiente púnico quanto grego, aparecendo com freqüência em sepulturas de Lilibeu.

Por fim, temos a presença de uma píxide miniaturística na sepultura nº 8, sem vestígio de engobo. A píxide é uma forma de origem grega, como a *kylix*; trata-se de um vaso redondo fechado por uma tampa, destinado a perfumes ou objetos de toalete, basicamente de uso feminino. É freqüente o aparecimento desse vaso em sepulturas do mundo helênico como oferenda funerária, bastante difundido também em sepulturas púnicas da Sicília. Para o exemplar da sepultura nº 8 devemos considerar, além das características descritas acima, o fato de ser miniaturístico. Segundo o que Weinberg coloca para o mundo do Egeu (Weinberg, 1965), uma das características através da qual podemos distinguir a função funerária de um vaso é o seu tamanho, muito grande ou muito pequeno, que inviabiliza sua utilização prática na vida cotidiana. No caso de vasos miniaturísticos essa associação é imediata, ainda mais quando se considera sua grande freqüência em sepulturas. Após essas considerações, podemos afirmar que a função primeira da píxide em questão é a função funerária. Segundo Bisi¹, o tipo deriva das píxides em verniz negro, de inspiração campana, algumas vezes com decoração pintada posterior à queima em vivas cores que parecem constituir uma das formas preferidas das oficinas locais. A presença de cerâmica campana, de origem ou de imitação, em sepulturas púnicas da Sicília é amplamente atestada.

Esses vasos de tradição helênica, presentes nas sepulturas, as duas *kylix* e a píxide miniaturística, demonstram um certo tipo de influxo estrangeiro na cultura púnica, refletido em seu contexto funerário.

Por outro lado, temos vasos que remetem à origem fenícia mantendo sua tradição, os unguentários, presentes nas quatro sepulturas escolhidas.

Uma questão pode ser levantada: até onde se faz sentir a presença helênica na cultura púnica quando vemos conviver numa mesma sepultura púnica vasos helênicos que atestam esta presença e vasos tipicamente fenícios, demonstrando ao mesmo tempo uma tradição funerária fenícia profundamente arraigada nas colônias púnicas de Cartago?

Não há grande variação na composição do mobiliário funerário cerâmico das sepulturas violadas em comparação ao das sepulturas intactas, o que também reforça sua representatividade.

1. Ver A. M. Bisi, *La ceramica ellenistica* ..., 1967, tav. LXXXII, LXXXIII-2 e LXXXIX-2.

As sepulturas que comportam o rito de incineração, tanto a violada (nº 2) quanto a intacta (nº 8), apresentam vasos de tradição helênica e as de inumação, a violada (nº 5) e a intacta (nº 13), concentram-se mais nos utensílios de uso doméstico e nos unguentários. Isso se verifica em outras sepulturas de Lilibeu? E em outras necrópoles púnicas, esse quadro se mantém? Essa diferenciação de composição do mobiliário poderia corresponder a uma diferenciação da crença e/ou do ritual funerário?

Outras tantas questões podem ser levantadas sobre o assunto, e serão, a seu tempo, bem como a busca das suas respostas.

Dessa maneira, em pesquisa atualmente em curso, estenderemos essa análise a toda a necrópole púnica de Lilibeu e aos outros sítios púnicos da Sicília, verificando a composição do mobiliário funerário cerâmico das suas sepulturas, a fim de estabelecer um padrão de deposição funerária da cultura em questão e então verificar os desdobramentos desse estudo, como a problemática da helenização dos púnicos nesse ambiente tão particular que é a Sicília.

ABSTRACT: *The archaeological investigation of a funerary context lies on the analysis of its three fundamental components: the tomb structure, the deceased deposition form and the funerary furniture.*

Thus, we define some aspects of funerary patterns of Lilibaeum punic necropolis, analysing a group of tombs regarding its ceramic furniture, as the permanence of phoenician-punic tradition, as the foreign influences, basically hellenic. We attest the presence of typical phoenician funerary ceramic and the presence of greek style ceramic, both from Greece or local imitation.

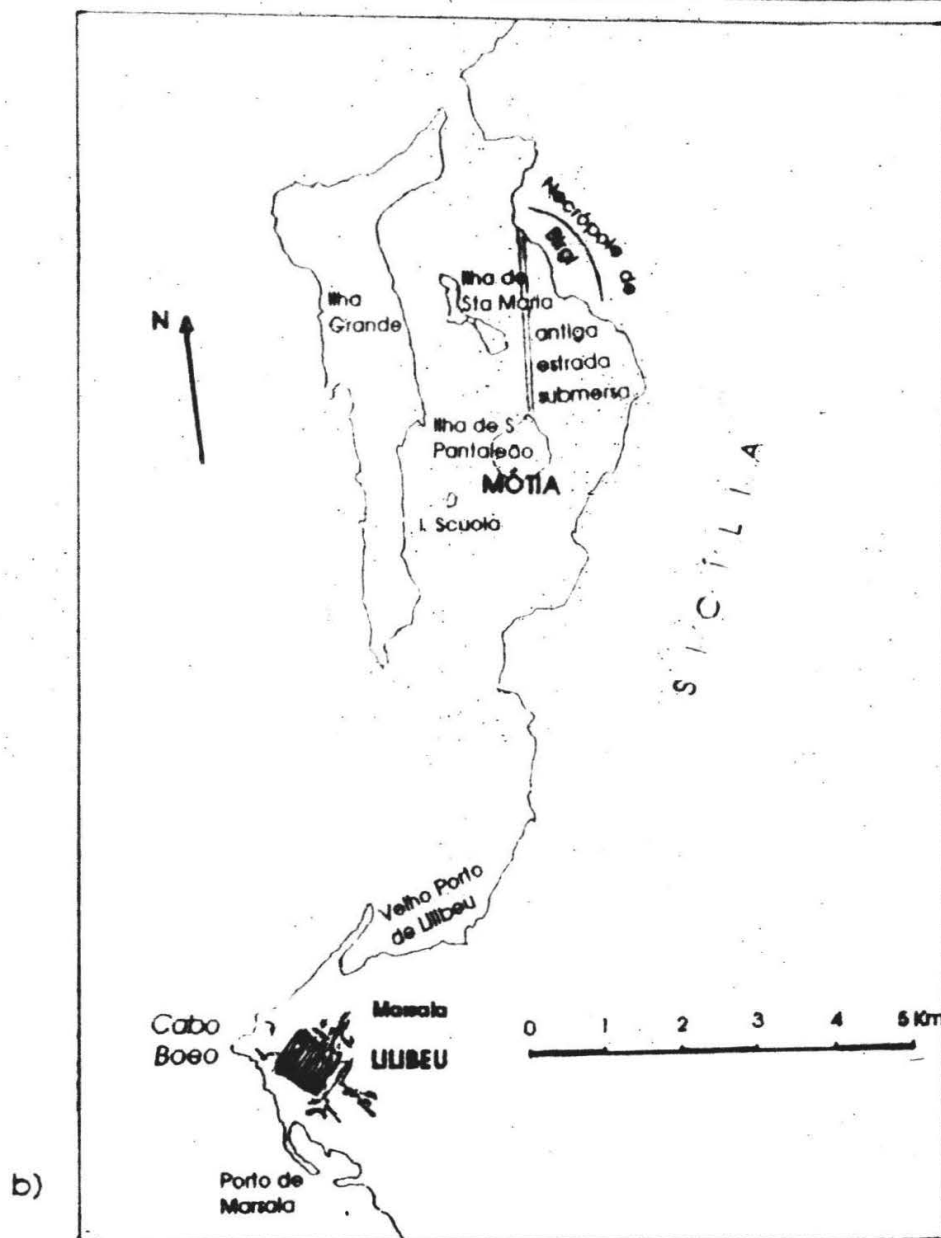
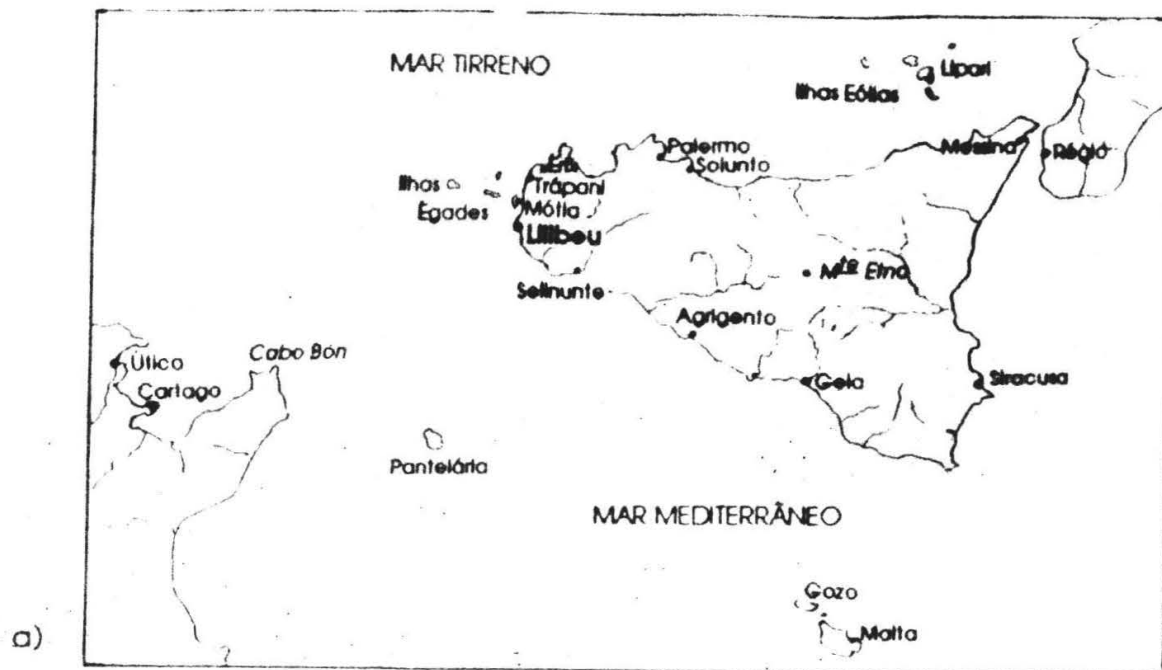
BIBLIOGRAFIA

BISI, A. M. Lilibeo (Marsala) - Scavi nella necropoli dei Cappuccini. **Notizie degli Scavi di Antichità**. s. 8a, Roma, 24:524-559, 1970.

_____. La ceramica ellenistica di Lilibeo nel Museo Nazionale di Palermo. **Archeologia Classica**, Roma, 19(2):269-292, 1967.

COOK, R. M. *Greek Painted Pottery*. London: Methuen, 1966.

WEINBERG, S. S. Ceramics and the supernatural: cult and burial evidence in the Aegean World. in **MATSON, F. R.** (ed) *Ceramics and Man*. Chicago: Aldine Publishing Co., 1965, p.187-201.

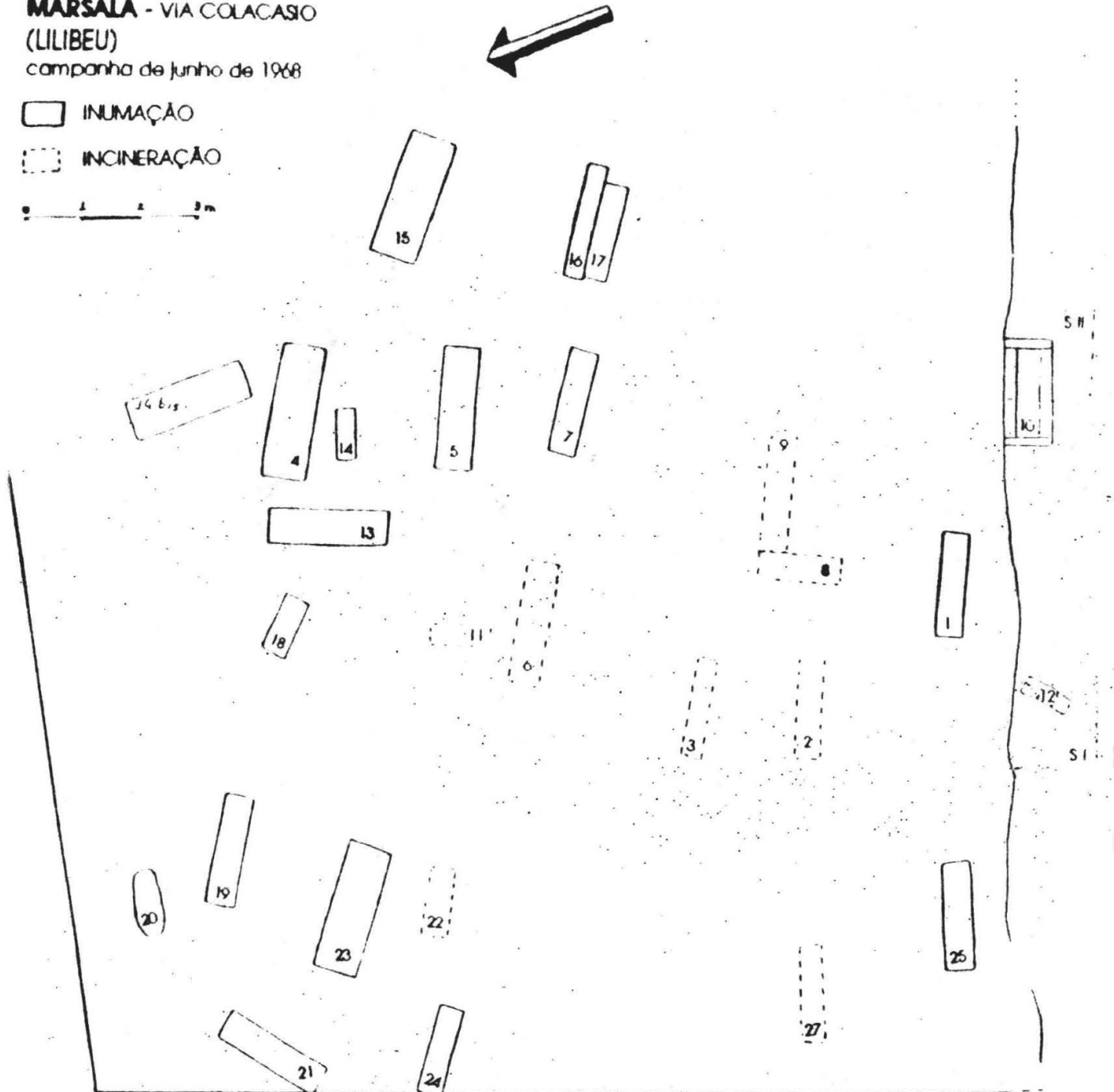


PRANCHA I – a) Mapa do Mediterrâneo Central; b) Mótia, Lilibeu e Cabo Boeo.

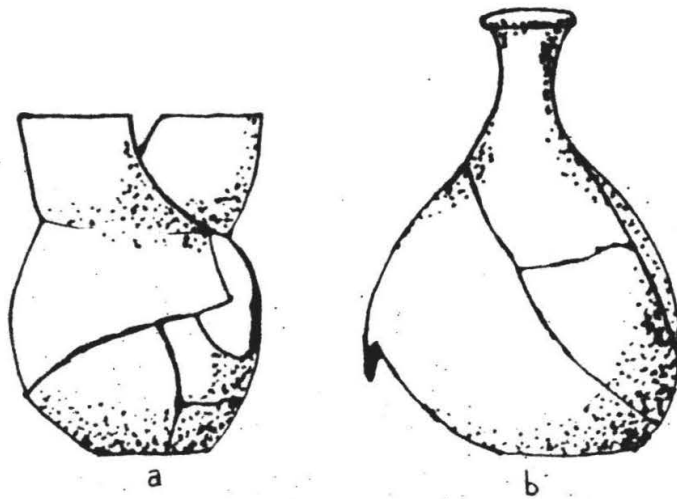
MARSALA - VIA COLACASIO
(LILIBEU)
 campanha de junho de 1968

□ INUMAÇÃO
 □ INCINERAÇÃO

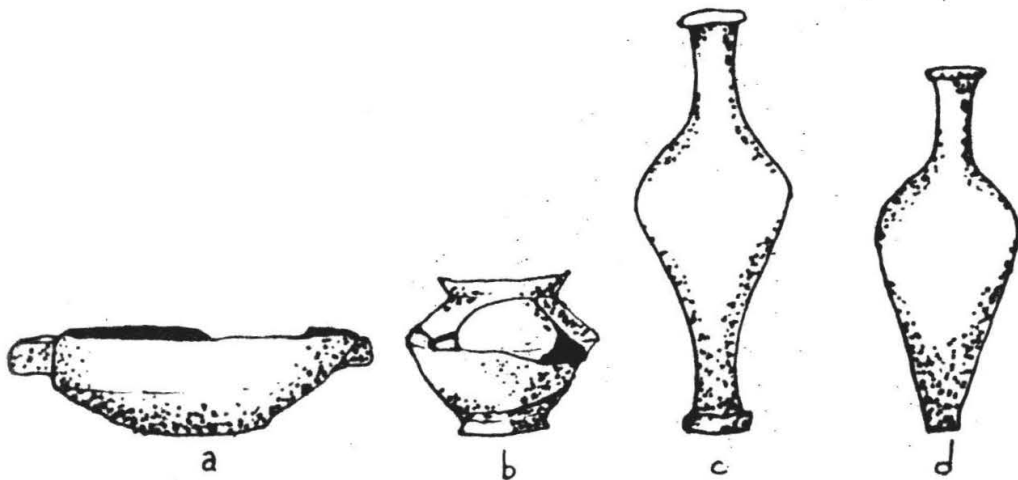
0 1 2 3m



Sepultura	Estrutura	Conservação	Deposição	Medidas
nº 2	fossa	violada	incineração	1.70x0.40m prof. 0.65m
nº 5	poço sem câmara	violada	inumação	2.10x0.75m prof. 1.70m
nº 8	fossa	intacta	incineração	1.50x0.45m prof. 0.50m
nº 13	pequeno poço sem câmara	intacta	inumação	2.10x0.55m prof. 1.10m



1 - Objetos da tumba nº 5 (A. M. Bisi, Scavi nella necropoli ..., 1970, p. 537, fig. 18).



2 - Mobiliário da tumba nº 8 (A. M. Bisi, Scavi nella necropoli ..., 1970, p. 538, fig. 20).